

Contrapulso

Revista latinoamericana de
estudios en música popular

Testemunho

Philip Tagg na sua segunda viagem ao Brasil

Martha Tupinambá de Ulhôa

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO

<http://orcid.org/0000-0002-6886-1267>

mulhoa@unirio.br

Recibido: 30/ 9/2024

Aceptado: 27/10/2024

Este é um testemunho sobre Philip Tagg (1944-2024), focalizando como sugerido por Juan Pablo González, diretor da *Contrapulso*, sua participação no V Congresso da Seção Latino-americana da International Association for the Study of Popular Music (IASPM-AL), no Rio de Janeiro, em junho de 2004.

Para conseguirmos montar o congresso, no que deixou Philip bastante entusiasmado com a importância acadêmica dada à música popular, unimos os esforços de três universidades – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Candido Mendes (UCAM) e Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Com o apoio financeiro do CNPq, CAPES e FAPERJ conseguimos trazer o musicólogo inglês para dar um curso sobre sua metodologia e proferir a conferência inaugural do congresso, produzir um livro com textos selecionados dentre os apresentados no congresso (Ochoa e Ulhôa, orgs. 2005), assim como financiar a editoração e publicação dos anais do evento –organizado por Martha Ulhôa, Ana María Ochoa e Christian Spencer–.

As cerca de 70 comunicações do congresso foram distribuídas em torno de quatro focos temáticos –Música popular e (des)territorialização: cidade, lugar, globalização; Música popular e violência: sujeitos e objetos, limites, condições e significados; Gêneros de música popular: samba, tango, choro, son, bolero, nueva canción, rock, rap; Pontos de escuta: enfoques e métodos de estudo da música popular. A conferência magna foi proferida por Philip Tagg, que falou sobre a gestão musical da angústia e padrões de subjetividade na sociedade contemporânea.

Na semana anterior ao congresso houve uma oficina ministrada por Tagg, promovida pelos Programas de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio e Música da UNIRIO em torno da música de Ennio Morricone para o filme *The Mission* (1986) dirigido por Roland Joffé. Durante a oficina, assistida por um grupo de jovens, alguns dos quais são hoje professores de música em universidades e outras instituições de ensino foi feita uma introdução à semiologia musical aplicada ao cinema. Na foto tirada na PUC-Rio, onde aconteceu a workshop cabe uma menção especial a Mônica Leme, à direita de



Philip, que pacientemente treinou o português do Tagg para ele ler a palestra inaugural do congresso¹.



Figura 1: Philip Tagg no centro, com Monica Leme à sua direita, rodeado por alunos do seu workshop na PUC-Rio. Martha Ulhôa é a primeira na segunda fileira à direita².

Além de assistir às sessões com decupagem da trilha sonora, localização de musemas e levantamento de materiais musicais semelhantes para comparação e análise de cenas selecionadas do filme, os então pós-graduandos se encarregaram do ciceronear o Philip, além de organizar as apresentações musicais relâmpago nos intervalos das sessões de comunicação³.

Philip Tagg foi praticamente um polímata, com seu domínio musicológico e linguístico. Um dos mais atuantes semiólogos da música da atualidade, recebeu em 2014 o *Lifetime Recognition Award do International Semiotics Institute*. Durante sua trajetória se dedicou à educação musical, à análise da música popular, além de atuar como compositor, produtor musical e colaborador de projetos para emissoras de rádio educacionais no Reino Unido, e, também, como musicólogo em casos de disputa de copyright.

Após um bacharelado em Música em Cambridge (1965) e um Certificado em Educação (Música e francês) em Manchester (1965-66), Philip Tagg transferiu-se para a Suécia em 1966. De 1968 a 1971 e 1973-74, em regime parcial na Universidade de Göteborg, cursou mestrados em inglês, francês, latim e musicologia. Entre 1971 e 1991 trabalhou na Universidade de Göteborg, participando da fundação de uma nova escola para o treinamento de professores de música. Foi professor na escola secundária de inglês como segunda língua, além de teoria musical, harmonia e improvisação, história da

¹ Parte do material usado no workshop pode ser visto na página de Tagg https://tagg.org/Clips/HTML5/MissnPTFilmIntroM1A-M2A_VP8.webm

² Também presentes na foto Luciana Requião, Cláudia Azevedo, Paula Faour, Jupter Martins, Hugo Leonardo Ribeiro, Rafael Velloso, Affonso Celso de Miranda e Alberto Boscarino.

³ O concerto de abertura do congresso teve uma apresentação de choro, com a participação de Joel Nascimento no bandolim, Luiz Otávio Braga no violão de 7 cordas e Rodolfo Cardoso, na percussão. No concerto de encerramento, a participação de Paulo Moura, Cliff Korman, Mônica Papalia, Fernando Barragan, José Julian Ramirez, Francisco Gouvea, Rafael Velloso e Elisa Goritzki

música e musicologia na Universidade de Göteborg. Concluiu seu Doutorado (PhD) no ano de 1979, com tese sobre análise semiológica da música de TV, analisando a abertura da série policial Kojak (CBS, 1973). Em 1981 fundou, junto com outros colegas, a Associação Internacional para o Estudo da Música Popular (IASPM - International Association for the Study of Popular Music). Entre 1985 e 1991 foi pesquisador de musicologia pelo Swedish Council for Research in the Humanities and Social Sciences. Em 1991 retornou ao Reino Unido para iniciar a Enciclopédia da Música Popular do Mundo (EPMOW - *Encyclopedia of Popular Music of the World*). De 1993 até 2002 foi Lecturer, Senior Lecturer e Reader no Institute of Popular Music e Departamento de música da Universidade de Liverpool. Entre 2002 e 2009 foi Professor de Musicologia na Universidade de Montréal. Aposentado retornou ao Reino Unido, atuando como professor visitante nas universidades de Leeds e Salford.

Na conferência de abertura do V Congresso da IASPM Latino-Americana, Philip Tagg discutiu a aplicabilidade do seu método de análise musemática, baseada na comparação de elementos sonoros semelhantes entre músicas duma mesma cultura. O título e subtítulo da palestra eram sugestivos: “Para que serve um musema? Antidepressivos e a gestão musical da angústia”⁴. Diferentemente dos seus textos anteriores, cujo processo analítico partia de um tema de abertura de um seriado de TV – *Kojak*– ou um megassucesso pop –“Fernando”, do ABBA–, Tagg faz uma discussão mais teórica, relacionando o uso desordenado de antidepressivos, as mudanças radicais nos padrões de subjetividade e a análise de estruturas musicais associadas com sentimentos de tristeza, depressão, frustração e angústia.

A perspectiva teórica adotada parte da constatação de que numa cultura saturada pelos meios de comunicação e com a música cada vez mais associada a imagens em movimento, é imperativo admitir que ela significa para além das estruturas musicais. Trata-se, portanto, de uma tarefa semiótica, onde a análise musemática –a partir de elementos mínimos identificáveis, como um acorde, motivo instrumental ou ritmo, entre outros– permite a identificação de significantes e significados musicais. Assim, estruturas musicais específicas são utilizadas por músicos em obras semelhantes, aos quais estão vinculados fenômenos paramusicais, expressão e conteúdo pertencentes a uma mesma cultura, no caso comentado por Tagg, os estratos médios das sociedades capitalistas ocidentais. Neste contexto, a música de anúncios, seriados televisivos e filmes atravessa e absorve elementos musicais de diferentes gêneros, épocas e locais, tecendo alturas, durações, timbres e texturas provenientes das mais variadas procedências, que vão adquirindo significado pelo uso compartilhado por seus usuários, tanto produtores quanto consumidores.

Estes procedimentos intertextuais e intersubjetivos foram testados e registrados experimentalmente com centenas de pessoas através de testes de escuta sobre dez canções (Tagg e Clarida 2003). Na conferência, Tagg comentou sobre o material musical conotando emoções e sentimentos de angústia encontrado em quatro das dez canções título. Além do tempo lento e o uso da tonalidade menor também ligados a campos semânticos como “funeral”, “lamento” e “depressão”, a expressão da angústia recorrentemente empregavam três elementos tonais: a sonoridade do acorde menor com

⁴ Na página do Tagg estão disponíveis várias versões do artigo, em inglês e uma tradução em português, <https://tagg.org/articles/xpdfs/jochen0411.pdf>. O texto em espanhol está publicado em Ullhøa e Uchoa 2005.

nona; o acorde meio diminuto e o que Tagg chamou de “canção tortuosa”, ou seja, uma melodia usando intervalos dissonantes e poucos graus conjuntos.

A seguir, foram discutidas, no contexto das tradições musicais ocidentais as correspondências entre certas estruturas tonais –musemas– e certos fenômenos paramusicais –a angústia–. O primeiro exemplo, dos mais de 50 apresentados, foi retirado da trilha sonora de *A Missão*, tema da oficina pré-congresso: o acorde mais usado que serve de fundo para a cena em que Carlota diz a um devastado Rodrigo –interpretado por Robert de Niro– que ama o irmão do mercenário. Outras músicas que usam o acorde com nona para representar angústia incluem o tema de Nino Rota para *Romeu e Julieta*, bem como madrigais de Byrd, corais de penitência de Bach ou lieds de Schubert, entre muito outros.

Na conferência, Tagg apresentou cerca de quatro minutos do filme *Beleza americana* (*American Beauty*, 1999, música de Thomas Newman), segundo o autor, um daqueles filmes que, embora esteja contando uma história cheia de dor, amargura e solidão, tem uma trilha contida, com a inserção apenas ocasional de dissonâncias sutis (em Ochoa e Ulhôa, 2005: 44). O trecho utilizado acontece logo no início do filme, com o casal Lester e Carolyn Burnham (Kevin Spacey e Annette Bening) chegando em casa, ele na iminência de perder o emprego numa revista comercial e ela uma agente imobiliária ambiciosa. O casal discute todo o tempo e logo antes de entrarem em casa ouve-se dois acordes nas cordas, numa segunda ascendente, o marido e narrador do filme dá uma pequena parada e olha para trás, como se sentisse algo (6:51).

Se eu fosse nomear o musema poderia intitulá-lo de “tubarão à espreita”, numa referência ao filme *Jaws* (1975, música de John Williams). Há um corte para a sala de jantar, onde a filha do casal reclama da mãe usar frequentemente como trilha sonora “música de elevador”, no caso Peggy Lee cantado “Bali-Ha’i” (6:56). Há muita discussão e discórdia na mesa até que a filha vai para a cozinha, seguida pelo pai que lhe lembra como eram ligados antigamente. A cena emudece (9:15) e a câmera se distancia para o jardim, onde o rapaz vizinho filma pai e filha conversando através da janela. A trilha passa para uma música melodiosa em tom menor tocada pelo piano, conotando, segundo Tagg, melancolia e ingenuidade.

Como já mencionado, Tagg não detalhou nem se deteve em descrever o(s) musema(s), que ele identificou como angustiantes na trilha de *Beleza Americana*. Em vez disso, preferiu se valer do extenso material empírico obtido em testes de recepção compilados em *Ten little title tunes*, e destacar sua metodologia. Reiterando, os dois princípios básicos do seu método são: (1) música se explica com outra música, a chamada comparação entre objetos musicais, ou interobjetividade (intertextualidade), não havendo distinção entre música pop ou “artística”; 2) a escuta repetida de determinadas estruturas musicais, em conjunto com determinadas práticas sociais, contribui para que membros de um mesmo grupo social atribuam à música significado paramusical, a chamada intersubjetividade, ou compreensão compartilhada de significados conotativos.

Finalmente, ao concluir a conferência Tagg reiterou sua filosofia: a análise musemática, ao prestar atenção no detalhe musical estrutural e sua relação com a vida “fora” da música, tem o potencial de contribuir para a compreensão maior dos padrões de subjetividade formados nesta sociedade saturada pelos meios de comunicação. No caso o descompasso entre a ação dos personagens em *Beleza Americana*, denotando angústia e frustração, e a trilha sonora com música ambiente, nostalgicamente remetendo a um “Paraíso perdido” inocente.

Referências

- Newman, Thomas. 1999. *American Beauty*. DreamWorks.
- Tagg, Philip e Bob Clarida. 2003. *Ten Little Title Tunes*. New York: Mass Media Music Scholars' Press.
- Tagg, Philip. 2005. “¿Para qué sirve un musema? Antidepressivos y la gestión musical de la angustia”, em Martha Ulhôa e Ana Maria Ochoa, (orgs.) *Música popular na América Latina: pontos de escuta*. Porto Alegre: Editora da UFRGS: 22-51.